

trabalho da Diocese de Chapecó com o bispo Dom José GOMES, o trabalho do Pe. Vilson GROH nas periferias de Florianópolis, e tantos outros trabalhos que demandam um outro artigo. Outro artigo também demanda, por certo, o período da repressão, especialmente entre 1964 e 1975.

CONCLUSÃO

De uma situação de união Igreja-Estado, passando pela situação de Igreja-influindo-no-Estado, estamos no momento da Igreja-com-o-povo. Da busca de favores se passa para a busca da justiça. A história caminha devagar, mas caminha sempre. Nela a Igreja se defronta com situações novas e assume novas posições. Na imitação do Senhor encontrará sempre o desafio de estar ao lado dos pobres, dos preferidos de Deus.

BIBLIOGRAFIA:

Arquivo Histórico e Eclesiástico de Santa Catarina, da Arquidiocese de Florianópolis.

BESEN, José Arturino: O Clero catarinense (1500-1983). 3 volumes. Inédito.

CABRAL, Osvaldo Rodrigues: História de Santa Catarina. Editora Laudes, Rio de Janeiro, 1970. 2ª edição.

PIAZZA, Valter F.: Santa Catarina: sua História. Editora da UFSC, Editora Lunardelli. Florianópolis, 1983.

Id, Valter F. (organizador): Dicionário político catarinense. Edição da Assembléia Legislativa de Santa Catarina, 1985.

Id, Valter F.: O Poder legislativo Catarinense, das suas raízes aos nossos dias (1834-1984). Edição da Assembléia Legislativa de Santa Catarina, 1984.

Endereço do Autor:

*Casa Paroquial da Catedral
Rua: Arcipreste Paiva, 70
88010-530 FLORIANÓPOLIS, SC*

História e Igreja

Anjos da Providência nas Colônias Italianas em S.C.

Notas sobre Pe. Ganarini e Pe. Cybeo SJ

*Roselys Izabel C. dos Santos
Prof. aposent. de História na UFSC*

A História da Igreja em Santa Catarina está intimamente ligada ao movimento migratório de fins do século passado e inícios deste. Para atender às necessidades espirituais dos imigrantes, inúmeras congregações religiosas masculinas e femininas se estabeleceram neste Estado introduzindo práticas religiosas de um catolicismo renovado em contraste com a religiosidade tradicional luso-brasileira¹. É significativa a atuação do clero nas áreas de colonização, onde prestaram relevantes serviços na formação das comunidades. Sua atuação extrapolava o campo especificamente religioso: socorriam os colonos em suas necessidades humanas no que diz respeito à saúde, educação, economia, comunicação, etc. Os núcleos coloniais e as comunidades formaram-se em torno da Igreja, tendo o padre, ou o pastor em se tratando de comunidades evangélicas, como centro e animador.

Há 120 anos iniciou-se em todo o sul do Brasil, a partir de São Paulo, um novo processo de colonização, agora com imigrantes provenientes da Itália do Norte e do Trentino, sob o domínio da Áustria. Decorrencia de um contrato entre Joaquim Caetano PINTO Jr. e o Império Brasileiro, a

grande imigração italiana, no caso de Santa Catarina, foi destinada à ocupação de áreas periféricas de colônias alemãs nos vales do Itajaí-Mirim e Açu e, posteriormente, para a colonização dos vales do Rio das Pedras Grandes e Tubarão, no sul da Província.

Camponeses na sua grande maioria, vivendo em precárias condições na pátria de origem, vieram para a América, em busca de melhor sorte, em busca de uma "terra de promessa", conforme lhes prometiam os agentes de Caetano PINTO.

A decepção não se fez demorar. Pois as áreas que lhes foram destinadas, longe estavam do sonho acalentado por dias melhores. Apesar de tudo, a terra era sua e a ela deram toda a força de trabalho para conquistá-la. Nem todos conseguiram vencer os desafios iniciais do processo colonizador. Muitos desistiram retornando à terra de origem ou emigrando para outros países da América Latina, principalmente Argentina. Os que ficaram lançaram-se com abnegação à árdua tarefa de dominar o espaço, implantando uma agricultura de subsistência, buscando sempre a melhoria de sua condição de vida. Tarefa penosa, sobretudo porque o "novo mundo" era muito diferente do seu espaço original.

Clima, fauna e flora nada tinham em comum com o mundo que haviam deixado para trás. Mas o sonho do "fare l'America", jamais deixou de ser perseguido e "pian, piano" as colônias foram crescendo sustentadas na "voglia di lavorare" e na sua fé inabalável.

Um dos maiores obstáculos dos imigrantes na nova terra foi, sem dúvida, segundo seus próprios testemunhos, a falta de sacerdotes para os ofícios religiosos e a administração dos sacramentos. Provenientes de áreas de marcante

"As colônias foram crescendo sustentadas na voglia di lavorare e na sua fé inabalável"

(atual região do Trentino-Alto Adige) estavam imbuídos de uma profunda vivência religiosa. Os sacramentos eram para eles de vital importância, com grande significado na sua vida espiritual. Chega-se a esta conclusão através das cartas de imigrantes e missionários italianos enviadas do Brasil e publicadas em jornais do norte da Itália. Uma delas diz o seguinte:

"Aquilo que mais que outra coisa, induziu-me a retornar à pátria foi o isolamento em que me encontrava, e ainda mais pelo grande vazio que eu encontrava na falta das práticas religiosas sob a direção de um sacerdote e numa igreja. Podem não crer-me, mas quem foi habituado a viver num lugar católico e civilizado, a ver casas, igrejas, a ouvir o som dos sinos, a gozar as comodidades da civilização, encontra um tal vazio naquele silêncio do isolamento, naquela privação de tantas coisas, que só isto basta para bater a nostalgia e o desejo de voltar"².

Outro depoimento, de um colono italiano, radicado na Estrada dos Pomeranos, que fazia parte da Colônia Blumenau, chegava à redação do jornal nestes termos:

"Aqui, no geral, estamos todos contentes com a nossa sorte... Todos porém lamentamos aquilo que dizia o Divino Mestre: *A messe é grande e poucos são os operários*. Os nossos pedidos até agora não foram ouvidos, porque não temos um padre italiano. Em dez anos que aqui estamos, nunca tivemos uma missa em dia de festa ou aos domingos, nunca uma pré-dica ou mensagem de um Sacerdote..."³.

Missionários que atuavam nas colônias escreviam:

"Entre trentinos, lombardos e vênnetos, temos, somente nesta Província de Santa Catarina, de 13 a 14.000 almas. E todos levantam as mãos e pedem sacerdotes e ajuda espiritual, e choram pela sorte de seus filhos

vivendo como selvagens nestas matas... Mas quem escuta estes gritos de dor? Tantos bons sacerdotes, que na bela Itália se contentam em rezar devotamente a sua missa... e aqui os pobres italianos vivem e morrem sem Sacramentos"⁴.

Não era fácil. Mas neste contexto de tantas dificuldades e ansiedades vivenciadas pelos colonos, apareceram figuras ímpares, pelo seu zelo apostólico e abnegação no cumprimento de sua missão. São os chamados padres imigrantes. Cientes da carência espiritual de seus compatriotas, deixaram os confortos de sua terra natal, vindo para o Brasil a fim de atuarem nas áreas de colonização. Através dos jornais da Igreja do norte da Itália temos notícia de Dom Bartolomeu TIECHER, primeiro padre imigrante, trentino de nascimento e que veio acompanhando sua família, juntamente com centenas de imigrantes, radicando-se em Santa Maria no Rio Grande do Sul, onde desenvolveu amplo trabalho no atendimento espiritual aos compatriotas.

Outro padre imigrante, que nos toca mais de perto e que veio a Santa Catarina, foi Pe. Arcângelo GANARINI, nascido em Torcegno, no Trentino, a 10 de fevereiro de 1844. Ordenou-se sacerdote em 1869 e em 25 de janeiro de 1877 veio, juntamente com outros imigrantes, para o Brasil. Escolheu para área de atuação a Colônia Itajaí-Príncipe Dom Pedro (Colônia Brusque), no vale do Itajaí-Mirim. Inicialmente foi auxiliar do pároco Pe. Alberto GATTONE⁵, convertendo-se em pouco tempo no "anjo da Providência para aqueles pobres imigrantes"⁶.

Um ano após a chegada, sua dedicação já era motivo de elogio por parte do missionário jesuíta, Pe. Giovanni Maria CYBEO, outra destas figuras ímpares que por sua incansável atuação apostólica muito trabalhou nas áreas de coloni-

zação italiana em Santa Catarina. Assim escrevia:

"O vice-pároco Pe. Arcângelo Ganarini, tão bom, tão cheio de zelo, trabalha de manhã à noite e muito nos ajuda na nossa missão: é um verdadeiro anjo de conforto para estas pobres criaturas, abandonadas entre montanhas e florestas e tão distantes da igreja paroquial! Dom Arcângelo é o braço direito do pároco e sempre a cavalo, durante todo o ano, visitando ora um, ora outro vale italiano, especialmente os pobres enfermos"⁷.

Pe. GANARINI situa-se entre aqueles padres imigrantes que desde o início amaram a terra brasileira e era de opinião que aqueles camponeses que viviam em precaríssimas condições no norte da Itália, aqui encontrariam, embora com dificuldades, as vantagens almeçadas. Mesmo assoberbado de trabalhos apostólicos, encontrava tempo para escrever ao jornal de sua diocese de origem, em Trento, sobre a situação dos imigrantes italianos, sobre as colônias, sobre

seus êxitos e dificuldades. Estas cartas-relatórios resultaram em um livro intitulado *Noticias de Brusque e Nova Trento, isto é, das colônias Itajai e Príncipe Dom Pedro na Província de Santa Catarina*, publicado em Trento em 1880.

A primeira destas cartas, escrita a 19 de abril de 1877, e publicada no jornal *La Voce Cattolica*, de Trento, em 16 de junho do mesmo ano, relata seu encontro com os compatriotas:

“Quando cheguei a Brusque já era esperado, e cada um que conhece a fé dos nossos trentinos e italianos em geral, pode imaginar quanta foi a sua consolação em ver-me finalmente entre eles. Muitos, apenas souberam, vieram de lugares longínquos para verem com os próprios olhos se era verdade que tinha chegado um padre que falava a sua própria língua. Cada um que chegava agia como se me conhecesse de longa data. Mas a sua alegria para mim era um prêmio, que Deus me dava, para ressarcir-me da pena que sofri em abandonar a pátria a que tão frequentemente o meu pensamento e o meu coração retornam”.

Continuando, esclarecia sobre a necessidade de sacerdotes italianos para Blumenau e para Porto Franco (atual Botuverá), orientando que esses padres deveriam vir com grupos de imigrantes diretamente para esses lugares, e que os colonos deveriam dizer que queriam os padres na sua companhia. E exortava aos seus possíveis companheiros de fadiga: “Nada os deve amedrontar; nem a viagem, nem as dificuldades, nem as fadigas: o sacerdote não é para si: é para Deus e para o próximo. Que Deus mande alguns”.

Sobre o fenômeno da emigração que fazia com que milhares de camponeses abandonassem sua terra de origem e viessem para o Brasil em busca de uma vida melhor, Pe. GANARINI opinava:

“Talvez alguém esteja esperando o meu parecer sobre a emigração para o Brasil. Eu não sei o que dizer. Cada um conhece as condições dos nossos lugarejos: as pesadas contribuições que pesam sobre os campos e a indústria, a praga européia do militarismo, que tira do trabalho tantos braços e afasta os filhos para longe dos pais... Aqui, note-se que eu não tenho opinião sobre lugares onde não estive; aqui, quem está bem e ama o trabalho, pode ter uma posição independente, e não precisa temer a fome, nem os cobradores de impostos que levam para a praça aqueles quatro farrapos que possui... Aqui vejo muitos, que na sua casa, na Europa, não podiam manter uma cabra, vindo de sua colônia montados em seu próprio cavalo...”⁸

Mas alertava que,

“A falta de um padre por aqui para orientar a vida religiosa é coisa bem triste, e dou, portanto, o meu parecer: *Enquanto se pode, com as próprias fadigas e usando suas economias, viver no próprio país, não procurem as selvas do Brasil*, onde também na parte material nem todos estão contentes de terem vindo. Se, porém se está convicto de não poder viver aí de maneira nenhuma, então venham”.

Sua admiração pela nova terra revela-se desde as primeiras cartas, conseguindo fazer projeções poéticas daquilo que almejava para seus compatriotas:

“Esperando que o Senhor conceda saúde para que se tenha boa vontade de trabalhar e fazer economia de seu dinheiro, aqui não há o que temer, nem a fome, nem o cobrador. Devagar se derruba a mata (existe grande diferença entre o bosque europeu e as selvas brasileiras) na colônia; o primeiro caminho, quase impraticável, se alarga; a selva no meio dos vales cai sob o machado, e o colono, de sua casa, vê a de seu próximo; os engenheiros vão traçando

“Pe. Ganarini situa-se entre aqueles padres imigrantes que desde o início amaram a terra brasileira”

cômodas estradas que depois os colonos concluem, pagos pelo governo. A cada trecho se implantam casas de comércio, começa um pouco de vida social e em dois anos tudo muda de aspecto. Junto à casa provisória se constrói a nova, cerca-se um pedaço de terreno com uma sebe para a horta onde, ao lado de plantas nativas, cada um se apressa em semear as hortaliças que trouxe da Europa. Cada um procura adquirir galinhas, cabras, vacas, porcos e procura fazer reviver aqui o seu próprio lugar, seja nos produtos e gêneros de cultivo, seja nos costumes”⁹.

Arcângelo GANARINI permaneceu na Colônia Brusque, onde ainda foi vigário por dois anos, até 22 de setembro de 1884, quando foi nomeado Vigário Encomendado de Santo Amaro do Cubatão. Nestes anos todos que permaneceu em Brusque, atendeu às necessidades espirituais dos colonos, percorrendo longas distâncias a cavalo a fim de atender as 16 capelas esparsas em vales e montanhas e que pertenciam àquela Colônia.

Outro padre que marcou presença na área de colonização italiana, especialmente em Nova Trento, foi o Pe. Giovanni Maria CYBEO. Nasceu em Massa Carrara, Toscana, Itália, a 7 de novembro de 1837. Entrou para o seminário da Companhia de Jesus em Turim, vindo para o Brasil após sua ordenação em 1868¹⁰. Em 1878, juntamente com outros padres jesuítas, pregou sua primeira Missão em Nova Trento, quando o núcleo colonial contava apenas três anos. De sua autoria encontraram-se duas cartas publicadas no jornal *La Voce Cattolica*, em Trento. Na primeira missiva, da qual já fizemos uso neste artigo, manifesta a idéia da fundação de uma casa de missionários jesuítas em Nova Trento, idéia profética que se tornou realidade em poucos anos. Efetivamente, em 1880 os jesuítas abriram a Residência do Sagrado Coração de Jesus naquele núcleo colonial¹¹. A segunda carta era endereçada ao padre GANARINI, a quem apresenta um verdadeiro relatório. Sobre a residência dos jesuítas, revela

sua felicidade pela casa em pouco tempo estar pronta e expõe:

“Creio que na residência de Nova Trento não seremos muitos; e depois, além de Nova Trento e populações vizinhas, deveremos também ocupar-nos das outras numerosas colônias da Província, muito longínquas, e também dos pobres brasileiros que nesta Província estão divididos em 38 extensas paróquias, das quais muitas estão sem pároco”.

“Nesta província estão divididos em 38 extensas paróquias, das quais muitas estão sem pároco”

Em seu depoimento narra a missão que, embora não diga em quanto tempo foi feita, teve início em Joinville, passando por São Francisco e circunvizinhanças. Retornou a Brusque, e de lá seguiu para a colônia de Luís Alves. Descreve sua viagem para Luís Alves nestes termos:

“...no início de outubro entrei na piroga, dois bons jovens ofereceram-se para acompanhar-me. A viagem foi de três dias e tudo correu bem; mas você sabe que boa penitência seja ficar sentado, ou melhor, acorçado dentro de um tronco de árvore escavado e a poucos dedos da água, e foram mesmo três dias inteiros e parte do quarto. O rio é verdadeiramente belo e romântico, e serpenteia em meio ao espesso bosque em plena primavera com vistosas flores, e povoadíssimo de pássaros de todas as cores; em momentos entrelaçavam-se as árvores das duas margens, sob as quais a piroga deslizava, debaixo da magnífica sombra, onde ressoava o canto dos pássaros. Mas deixemos a poesia. Uma noite não encontramos cabana para repousar: os jovens ajeitaram algumas folhas de palmeira como telhado e outras para o leito: o lugar, diziam eles, era protegido dos tigres que pouco mais além haviam devorado um pobre italiano, e teríamos dormido maravilhosamente se a chuva não tivesse insistido em cair durante toda a noite. Porém, com tanta umidade, nem mesmo um resfriado, e enfim chegamos à colônia”.

Culminando, relata os seus intensos trabalhos na Colônia. Prosseguiu viagem para Gaspar, seguindo depois para Blumenau onde adentrou-se na área de colonização italiana. Fez missão em Rodeio, São Pedrinho, São Paulo, Guaricanas, Caminho dos Tiroleses, Rio dos Cedros e Pomerstrasse. Nestes lugares existiam quatro capelas assim descritas:

“Estas capelas são sempre de troncos e ramos e paupérrimas: cada capela tem junto um cemitério, onde os mortos são sepultados sem padre, sem missa e, o que é pior, morrem sem sacramentos, sem a encomendação da alma! A distância tão grande, de vários dias, da igreja, nem mesmo se sonha em mandar

chamar o padre; e aqui nem sequer se pode viajar pelo rio; tudo é feito a cavalo, e o cavalo é raro entre a pobre gente”.

Sobre a necessidade de um padre assim se expressou:

“...ao menos um padre italiano é de absoluta necessidade para estes quatro mil entre tiroleses e lombardos esparsos naqueles vales: os pobrezinhos choram e se desesperam por si, pelos seus filhos que crescem meio selvagens, para ouvir uma missa pelo menos nas grandes solenidades, para confessar-se, para receber os sacramentos ao menos diante da morte; mas até agora nada obtiveram... De Nova Trento a Blumenau é uma distância imensa (!) e pouco podemos fazer por eles”.

Muito fez Pe. CYBEO pelos seus colonos, fossem eles brasileiros, polacos ou alemães, através de suas missões e enfrentando toda sorte de dificuldades para chegar aos mais recônditos lugares. Sua fama de santo homem transmitiu-se oralmente por aqueles que o conheceram. O final de sua vida foi em Nova Trento, na residência dos Padres Jesuítas, onde faleceu a 17 de março de 1925¹².

NOTAS

¹ Ver, de BESEN, J.A., o artigo *Duas formas de catolicismo. O processo da romanização em Santa Catarina*, in ENCONTROS TEOLÓGICOS n. 17 (1994/2), p. 52-59

² Jornal *La Voce Cattolica*, Trento, 02 de setembro de 1878, p. 3.

³ Idem, 29 de outubro de 1875, p. 3.

⁴ Idem, 06 de agosto de 1878, p. 3.

⁵ DIRKSEN, V., *Padre Arcângelo Ganarini: primeiro historiador de Brusque e Nova Trento*, Palestra proferida no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, março de 1993.

⁶ Jornal *La Voce Cattolica*, Trento, 02 de setembro de 1878, p. 3.

⁷ Idem, 06 de agosto de 1878, p. 3.

⁸ Idem, 14 de fevereiro de 1878, p. 1.

⁹ Idem, 07 de agosto de 1877, p. 1.

¹⁰ AZEVEDO, F., *Pesquisas*, in *História* n.º 25 (1986), São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, p. 14.

¹¹ Idem, p. 15.

¹² Idem, p. 15. Cf o retrato do Pe. CYBEO por BESEN, J.A., no já cit. art. *Duas formas de Catolicismo. O processo da romanização em Santa Catarina*, in ENCONTROS TEOLÓGICOS n. 17 (1994/2), p. 57

Endereço da Autora:

a/c Pe. Valberto Kirksen
Pça Santos Dumont, 58
Trindade
88036-680 FLORIANÓPOLIS, SC